

TERRA DOS HOMENS : A GEOGRAFIA UMA APRESENTAÇÃO

Paul Claval*

Tenho setenta e oito anos e me interesso pela geografia há mais ou menos setenta anos. Participei do movimento científico da disciplina há aproximadamente sessenta anos. Publiquei muitos livros e artigos durante a minha vida, e isso no estilo acadêmico. No ano passado, decidi explorar novas maneiras de apresentar a geografia e os seus resultados para divulgá-los a um público mais extenso. Preparei livros mais breves (manuscritos de até duzentos mil caracteres), usando um vocabulário mais simples, com sentenças mais curtas, mas sempre baseados na informação mais recente. Para facilitar o uso desses textos pelos colegas e estudantes é importante divulgar a bibliografia. O texto incorpora também citações de autores antigos e modernos.

O meu plano é escrever três livros deste tipo: o primeiro sobre a natureza, a evolução e o alvo da geografia humana; o segundo sobre o papel da paisagem na disciplina e o terceiro sobre as mudanças da realidade geográfica desde o fim do século dezanove. Os títulos são: 1- *Terra dos homens. A geografia*, 2- *A Paisagem dos geógrafos* e 3- *As Três Geografias*. O primeiro volume já está publicado em português. A redação do segundo está terminada. Tenho o projeto de escrever o terceiro no começo do ano de dois mil e onze.

Agora, vou falar de *Terra dos homens*. O livro foi publicado pela Editora Contexto (2010), em São Paulo. A tradução foi feita por Domitila Madureira, que foi minha aluna em Paris nos anos oitenta. O livro, em sua versão brasileira, se apresenta como um texto de cento e quarenta

páginas. Qual é sua ambição? Qual é o seu alvo? Como ele se estrutura?

O alvo do livro é apresentar a geografia humana como sendo ao mesmo tempo experiência comum e ciência.

Quando se fala de geografia, a gente fala da geografia quer como de um conjunto de experiências, práticas e saberes comuns a todos os seres humanos, quer da geografia como ciência. Existe uma ligação fundamental entre esses dois aspectos da disciplina: a abordagem científica raciocina sobre as práticas e os saberes empíricos de cada um e os sistematiza. Mas o campo geográfico como prática é muito largo: até recentemente, a disciplina científica só foi capaz de sistematizar uma parte dos saberes e da experiência espaciais das gentes.

Terra dos homens tem duas faces. A primeira trata da geografia como prática comum a todos os homens: saberes empíricos, *savoir-faire* (*know how*) e experiência. A segunda trata da geografia como disciplina científica.

A apresentação da primeira face é relativamente breve e a segunda, mais longa. A primeira cobre a geografia como prática universal da humanidade. A segunda interessa-se pela geografia como ciência. Ela é subdividida em três partes e apresenta primeiramente o nascimento da geografia científica na Antiguidade grega e seu desenvolvimento até o século das Luzes, em segundo lugar o desenvolvimento da disciplina do

século dezoito até os anos setenta do século vinte, e finalmente a geografia contemporânea.

A geografia como prática e como experiência

Saberes práticos, mas não sistematizados.

Na vida cotidiana, as pessoas precisam (i) de conhecimentos geográficos diversos (ii). Elas tiram elementos essenciais para dar um sentido a sua existência e para construir as suas identidades também de sua experiência em morar, viajar, e até sonhar.

As necessidades fundamentais das pessoas são de produzir os seus alimentos e transportá-los até seus locais de habitação, de construir abrigos ou casas para se proteger do vento, da chuva ou do frio, ou obter tecidos para se vestir, entre outras. Os problemas que têm são também de saber como integrar-se num grupo, como desenvolver relações com desconhecidos, como usar a sua influência para exercer poder sobre outros.

Conhecimentos de conteúdo geográfico são necessários para atingir estes alvos; por exemplo, os povos caçadores têm de saber quais são os tipos de vegetação e os tipos de meio ambiente que convêm à caça; o problema é, uma vez estes meios localizados, achar um itinerário para chegar lá. Não é desenvolver um conhecimento abstrato e geral dos meios ambientes, ou regras gerais para orientar-se e localizar os lugares.

Os conhecimentos geográficos que têm um papel na vida da gente são relativos (i) à orientação e à localização dos lugares, (ii) ao uso dos meios ambientes, (iii) à integração nos grupos sociais e ao uso das relações sociais para atingir os seus alvos, e (iv) à proteção contra grupos hostis e, mais geralmente, para fazer guerra ou manter a paz.

Orientar-se e localizar lugares.

Os conhecimentos geográficos mais fundamentais são relativos à orientação e à localização. Como orientar-se? Como achar o Norte? Como situar um lugar em relação a outros lugares?

Para se orientar, é preciso ter pontos de referência os mais afastados possíveis: uma alta serra a cinquenta quilômetros é melhor do que uma encosta ou uma colina distante três quilômetros.

O problema é mais difícil nas regiões de floresta, onde a vista é sempre limitada a alguns metros pelos troncos das árvores. No mar, não existem pontos de referências terrestres.

O sol e as estrelas – e mais particularmente a estrela Polar – oferecem melhores condições, por que estão tão afastados que aparecem imóveis. Todos os povos sabem utilizar a Polar e nortear-se desta maneira.

Numa zona de mata, no mar ou nas latitudes elevadas onde o sol não é visível por meses, onde a luz é fraca e o céu muitas vezes nublado, a orientação repousa sobre outras técnicas: uma observação da sucessão dos meios ambientes, das suas cores; ao progredir na jornada, adquirir o reflexo de virar-se muitas vezes para descobrir a paisagem como ela aparecerá na viagem de volta.

Uma parte deste conhecimento não é verbalizada: para ensinar a orientação a seus filhos, os Inuits viajavam com eles. Eles impunham uma atenção permanente a todos os trechos da paisagem, mas sem descrever ou nomeá-los.

Geralmente, a aprendizagem do espaço apoia-se sobre a toponímia: os rios, os montes, as aldeias, os cidades têm nomes. Graças a eles, a gente pode falar dos lugares e transmitir conhecimentos sobre eles e a maneira de atingi-los: a descrição de itinerários tem um papel central na geografia dos povos cuja cultura é oral.

Para a maioria das culturas tradicionais, a localização dos lugares permanecia relativa: esta aldeia situa-se ao norte desta cidade, a leste desta serra, a oeste deste rio, e assim por diante. O uso do mapa era raro.

Conhecimentos relativos ao uso dos meios ambientes.

O segundo tipo de conhecimentos geográficos é relativo aos meios ambientes e ao seu uso pelas atividades produtivas (caça, pesca, criação de gado, agricultura, fabricação de ferramentas ou objetos de consumo), pela construção de casas, pela abertura de vias de comunicação ou pelo lazer.

Os agricultores sabiam apreciar a qualidade de um solo; eles sabiam qual tipo de cultura convinha a um campo ou a tal outro. Eles sabem desviar a água de um rio para irrigar as suas

culturas. Eles conhecem também o clima e os riscos de seca, de chuvas demasiadamente fortes, ou de geada.

Os mineiros sabiam localizar as minas de ferro, de cobre, entre outras. Os pedreiros conheciam os lugares de onde se podiam extrair pedras para a construção de casas, entre outros usos. Desta maneira, os conhecimentos geográficos pertenciam a grupos profissionais diversos. Não estavam unificados num corpo único.

Nas sociedades que usavam a escrita, a situação mudou: os reis ou imperadores faziam escrever descrições de suas terras, dos itinerários para ir da capital até as fronteiras; recenseamentos das fortalezas, dos armazéns onde as suas tropas poderiam guardar trigo. Desta maneira, uma geografia escrita já existia. Geralmente, ela não era divulgada ao público.

Ao mesmo tempo uma literatura de viagens, reais ou imaginárias, começou a desenvolver-se para responder à curiosidade dos governos e do público pelos estados e por aqueles que moravam em países estrangeiros.

Conhecimentos sobre a inserção dos indivíduos nos grupos e o uso das relações sociais.

A geografia tinha um papel importante na vida das populações por outras razões. Para se alcançar eficiência, é importante tirar proveito da divisão do trabalho: não é possível cada um desenvolver conhecimentos sobre todos os meios ambientes e sobre todas as técnicas para explorá-los. É melhor cooperar uns com os outros.

Mas sobre quais bases organizar essa cooperação? Sobre uma base da igualdade, numa associação? Sobre uma base hierárquica de subordinação, entre um dono e seus servidores, ou entre um empreendedor e seus empregados? Como tirar proveito das redes sociais para comunicar? Como construir um sistema político baseado no mesmo tempo sobre a força física e a confiança?

A organização espacial dos meios sociais depende das técnicas de transporte e de comunicação. A transição das sociedades de oralidade pura às sociedades em que a escrita era conhecida foi essencial para o desenvolvimento de estruturas espaciais extensas e capazes de

organizar grupos numerosos.

A vida social se desenvolve no espaço: inserir-se em um grupo, desenvolver atividades no seu seio, são problemas que têm dimensões geográficas.

Fazer guerra ou manter a paz.

A vida social não é sempre pacífica. Existem indivíduos e grupos que preferem roubar ou transformar os outros em escravos do que trabalhar com seu próprio esforço pessoal. Existem também indivíduos com um gosto para a violência, para a morte. É importante ter meios de defesa contra estes indivíduos e grupos.

A guerra faz parte da vida social, e a geografia serve a fazer guerra, como o disse Yves Lacoste uma geração atrás. O uso militar do espaço mudou com a evolução das armas, das fortalezas, mas também com o desenvolvimento de novos meios de transporte e de comunicação.

A experiência espacial e o sentido da vida individual e coletiva.

O espaço tem um papel central na vida da gente por outras razões. O espaço da vida cotidiana confere um sentido de pertencimento a um grupo local; ele tem um papel central na construção das identidades: somos semelhantes por que nascemos num mesmo lugar, frequentamos as mesmas pessoas, falamos o mesmo idioma, fazemos parte do mesmo grupo. A história do vizinho é semelhante à minha. A dimensão local dos sentidos de identidade é mais forte nas sociedades nas quais as técnicas de transporte e comunicação permanecem fracas, mas nunca ela desaparece totalmente.

Outra experiência fundamental é essa da viagem: ela permite fugir aos constrangimentos locais, descobrir outros meios naturais e sociais, fazer a experiência de outros lugares, outras estruturas sociais, outras concepções de vida. Viajar cria oportunidades de renovação para os indivíduos, de inovação no domínio técnico, e de desenvolvimento de outras concepções de vida.

A experiência do horizonte é também fundamental, porque ela sugere permanentemente a existência de outros espaços, de outras possibilidades:

O horizonte exprime [...] muito mais que a existência de mundos longínquos. [...] Ele remete à parte invisível que reside em qualquer visível, a esse desdobramento do mundo que faz do real, em definitivo, um espaço inacabável, um meio aberto e que não pode ser inteiramente tematizado. O horizonte é o nome dado a essa 'potência de desdobramento' do ser que se apresenta na paisagem" (Besse, 2009, p. 53).

Essa experiência desempenha um papel central na construção do alhures das religiões e das ideologias, deste alhures que dá um sentido à vida de cada um e à vida coletiva.

O espaço modela a vida humana de uma maneira complexa e diversa. Cada um tem de desenvolver conhecimentos múltiplos para se orientar, explorar o meio ambiente, inserir-se no tecido social. A sua experiência espacial forja, pelo menos em parte, a sua identidade, e contribui para dar um sentido à sua vida.

O alvo da geografia humana científica é transformar um conjunto de saberes práticos e de experiências num campo racionalmente organizado e estruturado. Essa construção começou nas civilizações tradicionais, em que os conhecimentos geográficos foram coletados sistematicamente pelo Estado para melhorar a organização do espaço e a fiscalização dos indivíduos. Mas foi somente na Grécia que essa transformação tomou uma forma científica.

A primeira geografia científica: da Grécia antiga à Europa das Luzes

A geografia desenvolveu-se numa parte da Grécia antiga, a Jônia, no século VI antes de Cristo. Para Heródoto, ela já tinha uma tripla ambição: primeiramente resolver os problemas da orientação com o apoio de uma ciência nova, a astronomia; em segundo lugar, usando os resultados dessa nova reflexão sobre orientação, oferecer uma descrição dos países baseada sobre uma outra ciência nova, a geometria, através da produção de mapas; e por fim descrever a diversidade da superfície da terra.

A filosofia jônica do século VI antes de Cristo analisou o cosmos um pouco como ela analisou as novas formas de organização da cidade:

um conjunto de estrelas, de um lado, um conjunto de cidadãos do outro. A cidade foi baseada sobre a igualdade dos cidadãos gravitando em torno de um foco central. Da mesma maneira, o cosmos foi concebido como um conjunto de estrelas localizadas sobre uma esfera muito afastada e gravitando em torno de um foco central: uma esfera muito pequena, a Terra: daí a possibilidade de utilizar as estrelas para orientar-se. A esfera das estrelas girou a cada dia em torno de um eixo comum à esfera celeste e à esfera terrestre. A direção deste eixo foi marcada pela estrela Polar.

O uso de referências astronômicas para orientar-se oferecia, desta maneira uma resposta geral ao problema da localização. Uma outra ideia se impunha entre os filósofos e geômetras gregos: a da forma geométrica dos países, organizados em quadrados e retângulos. Daí a possibilidade de representar os países por figuras simples – por mapas. No século V antes de Cristo, Heródoto descreveu a Terra olhando um mapa Jônico, que foi um esquema geométrico da distribuição dos países.

A terceira dimensão que a geografia de Heródoto teve foi a descrição dos aspectos concretos da superfície da Terra, mas lhe faltaram os conhecimentos para entender a flora, a fauna, as técnicas produtivas. O único domínio onde ele teve ferramentas intelectuais eficientes foi quanto aos costumes: o resultado é que sua descrição parece hoje mais um trabalho etnográfico do que geográfico.

Essa fraqueza permaneceu até o século dezoito, até o desenvolvimento das ciências naturais. A concepção regional da disciplina foi ilustrada por Estrabão, no tempo do Imperador Augusto, mas o seu trabalho tinha as mesmas fraquezas que aquele de Heródoto.

No século III antes de Cristo, Eratóstenes foi o verdadeiro criador da geografia científica: ele entendeu a possibilidade de localizar pontos na superfície da Terra usando medidas astronômicas. A geografia tornou-se: 'Esta ciência sublime que lê no céu a imagem da Terra' (Ptolemeu). Eratóstenes foi o primeiro a entender que a localização de um lugar qualquer na superfície da Terra pode ser determinada pela sua latitude e sua longitude. Já no tempo de Eratóstenes, a medida da latitude através da altura do sol ou da

estrela Polar era fácil ; para a longitude, a situação era diferente, porque a medida repousava sobre a comparação do tempo local com o tempo do meridiano de origem. Sem relógio, essa medida foi impossível – e permaneceu impossível até John Harrison, no século dezoito.

Até o século dezoito, a geografia aparecia essencialmente como uma disciplina dos mapas. Comparando as narrativas dos viajantes e os diários de bordo de navegadores, os geógrafos fizeram estimativas das distâncias entre lugares para medir aproximadamente as longitudes. Eram antes homens de gabinete do que de campo.

Do século dezoito aos anos 1970

Dois fatores explicam a mudança da geografia no século dezoito: 1- a invenção de relógios de marinha, o que facilitou a medida das longitudes; 2- o desenvolvimento das ciências da natureza, visto que permitiram a descrição precisa dos meios naturais, das formas da organização e de trabalho das sociedades.

A disciplina atravessou uma crise no século dezoito, quando a base da cartografia tornou-se totalmente objetiva e técnica: a partir da segunda metade do século dezoito, ela foi realizada pelos serviços especializados do Estado: o exército, a marinha militar, ou as Finanças. Os geógrafos não eram mais criadores de mapas topográficos; eles tornaram-se seus utilizadores.

Durante os séculos dezanove e vinte, a sua contribuição limitou-se ao desenho de mapas temáticos no campo da geologia, da vegetação, da climatologia, da demografia, da urbanização, da economia, dos transportes. Com o desenvolvimento da cartografia moderna, a disciplina perdeu as suas bases institucionais tradicionais – os serviços cartográficos. Ela desenvolveu novos papéis: a exploração da natureza, segundo o modelo das grandes expedições marítimas da segunda metade do século dezoito, ou da viagem de Alexandre von Humboldt à América hispânica.

No começo do século dezanove, uma nova disciplina científica desenvolveu-se no domínio da geografia física graças ao progresso das ciências naturais: cobria a geomorfologia, a geografia da vegetação, a climatologia.

O evolucionismo de Darwin levantou um problema novo: o da influência do meio ambiente sobre os comportamentos humanos. Estes eram determinados pelas condições externas? Estes resultavam da livre escolha dos homens? Graças a Friedrich Ratzel na Alemanha e a Paul Vidal de la Blache na França, a geografia humana se constituiu como uma ecologia do homem. Para entender a distribuição espacial dos fenômenos humanos, a disciplina tinha de analisar as relações que cada grupo humano mantinha com o meio ambiente, e também as que ele desenvolvia com outros grupos: relações verticais com o ambiente; relações horizontais de circulação com outros lugares.

Na primeira metade do século vinte, a geografia humana mirou as relações homens/meio ambiente, analisadas através do estudo dos modos de vida (*genres de vie*). Esta abordagem foi particularmente eficiente para entender a organização do espaço das sociedades rurais tradicionais.

Nos anos quarenta e cinquenta do século vinte, num mundo mais industrializado e mais urbanizado, a abordagem em termos de modos de vida perde uma parte de sua pertinência: numa sociedade na qual a mobilidade tornou-se cada dia maior, o estudo das relações entre o meio local e os homens já não podia mais explicar as distribuições humanas. Para entender o papel da circulação e das trocas, os geógrafos tomaram como modelo a economia espacial: foi o tempo da Nova Geografia.

Nos anos sessenta do século vinte, a geografia científica tinha a capacidade de localizar os lugares e de representá-los num mapa; ela explicou o uso por os seres humanos da natureza; ela analisou também as redes sociais desenvolvidas pelos homens e sua utilização para estruturar relações sociais, organizar sistemas políticas, desenvolver trocas a fim de tirar vantagem da especialização do trabalho.

A geografia científica já tinha a capacidade de sistematizar três aspectos dos problemas geográficos encontrados por todos os seres humanos: 1- o problema da orientação/localização; 2- o problema da exploração da natureza para alimentar os homens e construir ferramentas e casas e 3- o problema de organizar sistemas sociais e de inserir-se neles. O que faltou foi a análise da

experiência humana dos lugares.

A mudança da geografia desde 1970

Até os anos 1970, a evolução da geografia traduziu o jogo de forças internas à disciplina: a ineficiência, por exemplo, da noção de modos de vida para explicar as sociedades industrializadas e urbanizadas do mundo moderno.

As mudanças contemporâneas têm outras facetas. A sua origem foi externa: a crítica da civilização ocidental, de um lado, e a ideia de que a ciência nunca tem a capacidade de atingir a verdade absoluta.

Na geografia, o resultado foi uma transformação profunda da pesquisa. Ela se fez mais crítica: nos séculos passados, a disciplina teve um papel importante no desenvolvimento das técnicas de fiscalização e organização do espaço, porque ela fornecia mapas úteis para a definição de estratégias de dominação. A disciplina teve uma conexão forte com o desenvolvimento do Estado moderno, na Europa e na América do Norte, e no imperialismo alhures.

A perspectiva crítica mostrou também que a interpretação dos ambientes humanizados só pode se fazer através do conhecimento das práticas das populações estudadas: para entender a geografia dos povos de caçadores era importante estudar os conhecimentos destes grupos sobre a vegetação, a fauna selvagem, e conhecer também suas armas e a organização social da caça. Para entender a geografia dos agricultores era importante estudar os conhecimentos que eles têm sobre os solos, as plantas, o papel do gado na restituição dos elementos fertilizantes, e conhecer as suas ferramentas e as suas práticas.

O desenvolvimento da geografia humana na primeira metade do século vinte resultou da incorporação, no discurso científico, das práticas e dos conhecimentos geográficos sobre o meio ambiente das populações estudadas – foi o interesse maior da noção vidaliana de modo de vida.

Desta maneira, a geografia reintegrou os saberes tradicionais das populações que ela estudava: existia uma correlação entre o

desenvolvimento de formas mais abrangentes da geografia científica e a incorporação destes saberes. Na metade do século vinte, a geografia já tinha incorporado os saberes populares sobre o meio ambiente; nos anos cinquenta e sessenta, ela incorporou os saberes populares sobre a circulação das pessoas, dos bens e das informações.

Mas ao lado das perspectivas críticas, que permitem uma outra leitura das geografias do passado, a mudança dos últimos quarenta anos teve outros aspectos. Ela mostrou o papel da subjetividade humana na construção do sentido que os seres humanos dão ao cosmos, à Terra, ao meio ambiente, à organização social. Não se pode entender a orientação da ação humana sem integrar a percepção que a gente tem do meio ambiente e da organização social, sem integrar os sonhos, e o imaginário dos seres humanos.

Desta maneira, os geógrafos abrem um novo campo de investigação: aquele que trata do sentido dos lugares, das atitudes frente ao meio ambiente, dos projetos para o futuro. Ela fala dos aspectos normativos da ação humana. Ela dá uma forma sistemática ao conjunto das práticas, dos saberes populares e das experiências que a gente tem sobre o mundo e a vida terrestre.

Conclusão

Terra dos homens. A geografia apresenta uma vista sintética sobre a natureza dos saberes geográficos e sobre a sua evolução. A sua tese central é a seguinte: para sobreviver na superfície da Terra, a gente tem de desenvolver saberes práticos sobre problemas de orientação e de representação da superfície terrestre, sobre os usos do meio ambiente e das redes sociais pelos homens. Eles têm também de dar um sentido à sua experiência na vida sobre a Terra.

A geografia científica trata deste conjunto, mas o seu desenvolvimento foi progressivo. Os problemas de orientação e de representação da superfície terrestre, já sistematizados pelos Gregos antigos, tiveram sua solução completada no século dezoito, graças aos novos métodos de medida das longitudes. Os conhecimentos sobre o meio ambiente e sobre as redes sociais foram explorados pela geografia do final do século

dezenove aos primeiros setenta anos do século vinte. A virada cultural da geografia, no curso dos últimos quarenta anos, incorpora a experiência vivida do mundo no campo da pesquisa científica.

Desta maneira, a geografia humana oferece, pela primeira vez, um método para entender a gênese e a organização da *Terra dos Homens*.